

Caminhos para o ensino do violão: Autorregulação da aprendizagem e SRSD

Luan Sodré de Souza
Universidade Federal da Bahia -UFBA
violuan@hotmail.com

Resumo: Este artigo é um recorte da fundamentação teórica de uma pesquisa de mestrado em andamento. Neste texto, pretende-se fazer uma breve explanação sobre a SRSD (Self-Regulation Strategy Development) e a Autorregulação da aprendizagem na perspectiva da Teoria Social Cognitiva. E ainda, tem o objetivo de mostrar a interseção desses construtos teóricos com ensino de violão. Como é uma pesquisa em andamento, ainda não possui resultados para serem apresentados. No entanto, o texto visa levar o leitor a refletir sobre um processo de ensino de instrumento mais abrangente, no qual permita levar em consideração aspectos cognitivos, comportamentais e afetivos. Um ensino focado na independência do aluno e em suportes que possam potencializar os conhecimentos e habilidades dos estudantes.

Palavras chave: Ensino de violão, SRSD (Self-Regulation Strategy Development), Autorregulação da aprendizagem.

Formação do instrumentista

Na profissão do músico de uma maneira geral e principalmente daqueles que buscam a carreira de *performer* é comum a tomada de decisões envolvendo diversas variáveis musicais. Após o período acadêmico, quando esses instrumentistas precisarão dentre outras atividades preparar repertórios, tomar decisões de interpretação e preparar novos músicos, será necessário que eles tenham desenvolvido uma independência que lhe permita exercer sua função da melhor forma possível. Para aqueles que não buscam ser músicos profissionais, mas pretendem ter alguma habilidade no instrumento que lhe permita um fazer musical significativo, também será necessária essa independência, já que em ambos os perfis provavelmente eles não terão um professor ao seu lado durante toda a vida. Mas a pergunta é: Será que os alunos de música de uma maneira geral são levados a essa independência?

A necessidade dessa independência não é restrita ao momento posterior à formação acadêmica, no caso do músico profissional, nem a quando deixa de fazer aulas, no caso de músicos amadores. Pois, é sabido que para o desenvolvimento do instrumentista, seja amador ou profissional, serão necessários os momentos individuais de estudo, levando em consideração que tocar um instrumento é uma habilidade psicomotora, assim necessitando de

prática, pois embora a definição de música e, por conseguinte, da prática musical, varie de cultura a cultura, "é da natureza humana que as habilidades psicomotoras necessitem de exercício (ou prática) para se manterem num nível de excelência" (SANTIAGO, 2010, p.131). Nessas sessões de prática, levando em consideração que na maioria delas o estudante estará sozinho, ele terá que ter alguma independência para que possa gerir o seu momento de estudo.

Estes momentos de prática implicam em concentração e bom direcionamento do esforço dispendido, tarefa intransferível, visto que, é necessário que o estudante desenvolva habilidades que serão maturadas a partir do seu estudo individual. Alguns pesquisadores buscaram entender o processo de estudo do instrumentista, bem como a prática deliberada do instrumento musical.

Um significativo número de pesquisadores têm se dedicado a investigar a eficácia da prática deliberada para a aquisição de alto nível de performance em diferentes áreas de conhecimento. A prática deliberada constitui-se de um conjunto de atividades e estratégias de estudo, cuidadosamente planejadas, que têm como objetivo ajudar o indivíduo a superar suas fragilidades e melhorar sua performance; a realização de tais atividades requer esforço, não sendo, portanto, inerentemente prazerosa. Porém, os indivíduos se vêm motivados a empreendê-las pelo avanço eminente que elas podem proporcionar à sua performance (SANTIAGO, 2006, p.53).

É neste momento imprescindível que acontecem os avanços e retrocessos considerando que estudar de forma equivocada pode causar danos a técnica dos instrumentistas. Nestas sessões são colocadas em prática as informações adquiridas em aulas, *masterclasses*, conversas, observações e tantas outras possibilidades de aprendizado. Quando novas informações são relacionadas com conhecimentos prévios, análises, e outras tantas conexões é que de fato irá ser gerado um novo conhecimento aplicado no instrumento. Stefanelli (2009, p. 23), diz que "a aprendizagem é mais significativa na medida em que o novo material for incorporado às estruturas de conhecimento do aluno e procurar adquirir significado para ele a partir da relação com o seu conhecimento prévio". Desta forma, são feitas conexões entre conhecimentos anteriores, novas informações e as descobertas no momento da prática, o que irá resultar na construção de novos conhecimentos.

Autorregulação da aprendizagem

No momento de estudo e posteriormente na vida profissional ou em seus momentos de relação com o instrumento, no caso dos amadores, o instrumentista desempenha diversos papéis. Sozinho, irá tomar decisões com relação a seu processo de estudo incluindo a organização do trabalho e metas a serem alcançadas e ainda realizando auto avaliações, isto é, neste momento ele é o seu próprio professor.

Com esta premissa, destaca-se a importância do professor de instrumento buscar desenvolver nos seus alunos a capacidade de autogerir seus estudos. Esse processo que pode ser chamado de autorregulação da aprendizagem consiste na capacidade de auto gerenciamento da sua aprendizagem. Durante toda a vida, em diversas áreas do desenvolvimento muitos indivíduos naturalmente realizam o processo de autorregulação, como explica a Teoria social Cognitiva:

O processo de auto-regulação está presente em todas as pessoas ao longo de toda sua vida, sendo que quanto mais sofisticados seus repertórios comportamentais e suas interações com o ambiente, mais complexos serão seus modos de atuação. Esse processo opera por meio de um conjunto de três subfunções psicológicas que devem ser desenvolvidas e mobilizadas para mudanças auto-diretivas voltadas aos objetivos pessoais: a auto-observação, os processos de julgamento e a auto-reação (Bandura, 1986) (POLYDORO; AZZI, 2008. p.152).

Na perspectiva da Teoria Social Cognitiva de Albert Bandura, a autorregulação é apresentada como "um processo consciente e voluntário de governo, pelo qual possibilita a gerência dos próprios comportamentos, pensamentos e sentimentos, ciclicamente voltados e adaptados para obtenção de metas pessoais" (BANDURA, 1991 apud POLYDORO; AZZI, 2009, s/p). A autorregulação está presente em diversas áreas do desenvolvimento humano, inclusive, em situações de aprendizagem. Para Bandura, a autorregulação opera por meio de três processos que são: o auto monitoramento, os julgamentos avaliativos e as autorreações. As três subfunções atuam de forma integrada e em interação com o ambiente. Em se tratando da autorregulação da aprendizagem, a auto-observação permite que o indivíduo possa realizar um auto exame e identificar as suas necessidades. No estágio de julgamento, a partir das detecções, o aluno irá buscar informações, fazer escolhas e buscar ações que possam suprir as necessidades detectadas. Na autorreação, o aluno coloca em prática as ações na intenção de reagir ao problema detectado. Esse ciclo se repete durante todo o tempo. (POLYDORO; AZZI, 2009, s/p).

Para Zimmerman esse formato de aprendizagem remete-se a pensamentos, sentimentos e ações autogeradas que são construídas e ciclicamente aplicadas para aquisição de metas pessoais. Zimmerman, assim como Bandura, propôs três fases cíclicas da autorregulação. Uma das fases ele chama de "Fase prévia" onde abrange a análise das tarefas e crenças motivacionais, é importante que o aluno esteja motivado para ter êxito neste processo, e além disso, a crença de auto-eficácia é de extrema importância para o sucesso da autorregulação da aprendizagem. Segundo Araújo (2010, p. 120), "uma relação significativa sobre o efeito da crença de auto-eficácia no indivíduo é o processo de autorregulação". Uma outra etapa, ele chama de "fase de realização", dentro desta etapa estão o autocontrole e a auto-observação. A seguinte, ele intitula de "Autorreflexão" onde está contido o julgamento pessoal, reações e auto-reações (POLYDORO; AZZI, 2009, s/p).

O estudante de violão no seu processo de formação precisa planejar suas jornadas de estudo, pois deve ter uma visão geral do que precisa fazer para chegar a determinado resultado musical. Após planejado o percurso a trilhar, é o momento de executar o que se planejou. Nesta fase, o instrumentista é o seu próprio professor, já que, julga-se que este processo ele fará sozinho. Ele é responsável por se auto-observar, detectar problemas e tomar decisões com o objetivo de resolvê-los. É possível ver claramente o planejamento, a execução e a avaliação nesta fase. A avaliação é indispensável, visto que, é a partir dela que o instrumentista irá, perceber o que funcionou, o que não ficou à contento e redefinir o seu estudo, ou seja, ré-planejar e começar um outro ciclo. Para Santiago (2006), é essencial o desenvolvimento de habilidades autorregulatórias no instrumentista, ela diz que:

(...) Ainda um outro fator essencial para o estudo instrumental refere-se ao desenvolvimento das "habilidades auto-regulatórias" pelo músico instrumentista, ou seja, sua capacidade de planejar o próprio estudo e de se tornar participante ativo do seu próprio processo de aprendizado musical. Dentre as habilidades auto-regulatórias estão a capacidade de definir objetivos e de planejar e escolher estratégias de estudos, bem como a capacidade de auto-avaliação, autoinstrução e auto-monitoramento (NIELSEN, 2001, p. 165 apud SANTIAGO, 2006, p. 54-55).

Muitos fatores influenciam na autorregulação do indivíduo e por isso ela pode ser mais ou menos acentuada em cada pessoa. Segundo a Teoria Social Cognitiva "o comportamento é determinado a partir da interação contínua e recíproca entre as influencias ambientais, pessoais e comportamentais: o modelo triádico" (POLYDORO; AZZI, 2008, p.

151). Neste caso, a história do indivíduo é fundamental para se entender o comportamento que ele tomará frente aos desafios, bem como, o tipo de educação e os estímulos que ele recebe para desenvolver a sua autonomia. Na perspectiva da Teoria Social Cognitiva o ambiente em que o indivíduo interage é fundamental para o desenvolvimento de habilidades autorregulatórias, sem deixar de falar no temperamento de cada um.

(...)a noção de auto-regulação não implica em redução da influencia ambiental, pois o contexto afeta os comportamentos da agência pessoal, como também interfere nas próprias funções auto-regulatórias. Como indica Bandura (1986), isso ocorre por meio de três grandes condições:

1. o ambiente contribui para o desenvolvimento das subfunções que compõem o sistema de auto-regulação, oferecendo parte do suporte para a aderência aos padrões internos e facilita seletivamente a ativação ou desengajamento do processo de auto-regulação;
2. a experiência (direta ou vicária) possibilita a aprendizagem de como e o que observar, participar no estabelecimento dos padrões pessoais de julgamento;
3. a experiência interfere na decisão do tipo e da força das auto-reações dirigidas à própria conduta (POLYDORO; AZZI, 2008, p.157).

É necessário que os estudantes adquiram ao longo da vida um repertório de experiências que proporcionem suportes para futuras ações autorregulatórias. No caso do estudo do violão, é importante que o aluno tenha um leque de informações a respeito da execução do instrumento, para que nos momentos de estudo, possa tomar decisões e fazer escolhas com base em suas informações. Desta forma, a figura do professor é indispensável, pois ele instrumentalizará os alunos para os momentos particulares. Porém, o professor não é a única fonte de instrumentalização, pois nos estudos os alunos não recorrem apenas aos ensinamentos do seu professor, nestas horas também existem influências das suas leituras, dos *masterclasses*, das conversas tidas com seus pares, de suas observações e do seu conhecimento prévio. O professor ainda pode ajudar, conscientizando os alunos da necessidade de organizar as suas sessões de estudo visando uma prática deliberada, além de direcioná-los para uma prática focada e consciente, mostrando caminhos para tal.

Apesar do processo de autorregulação ser um mecanismo pessoal que varia de indivíduo para indivíduo, é possível que o professor de violão, através das suas aulas, possa trabalhar numa perspectiva voltada para o desenvolvimento dessas subfunções psicológicas, unindo a cognição, o comportamento e o afeto. Existe um modelo de instrução chamado SRSD que foi dentre outras fontes, baseado no processo de autorregulação da aprendizagem

defendida por Zimmerman. Este modelo foi desenvolvido visando trabalhar com estratégias de escrita, o que não o desqualifica para o uso desse formato de instrução em outras áreas do conhecimento como a música e mais especificamente no ensino de instrumento.

SRSD

O SRSD (self regulated strategy development) é um modelo de instrução desenvolvido para o ensino direcionado de estratégias de escrita. Seus principais teóricos são Karen R. Harris e Steve Graham. Este modelo combina instruções explícitas com procedimentos de autorregulação tais como: configuração de metas, autoinstrução, auto-monitoramento e auto-reforçamento. O SRSD envolve ativação, gerenciamento e manutenção da cognição, comportamento e afetos no suporte de metas de escritores.

As principais características desse modelo são: 1) Seus estudantes são providos de sistemática e explícita instrução com o objetivo de contribuir com os múltiplos domínios de desenvolvimento da competência da escrita abrangendo estratégias para tipos específicos de escrita; estratégias universais da escrita; procedimentos de autorregulação que ajuda a administrar o processo de escrita e o uso das estratégias; e conhecimentos procedimentais. 2) Busca atender o domínio cognitivo, afetivo e comportamental. Os professores que utilizam o SRSD ajudam os estudantes a desenvolver habilidades de autorregulação, motivação, atitudes positivas direcionadas para a escrita e crenças neles mesmos como escritores capazes. 3) O atendimento é individualizado, levando em consideração as necessidades e esforços de cada indivíduo no intuito de otimizar o desenvolvimento da escrita de cada um. 4) O progresso dos estudantes são baseados em seus níveis individuais, desta forma, não há um momento pré-estabelecido para mudar de estágio. Os estudantes tem a oportunidade de visitar os níveis quando for necessário. O SRSD finda quando os estudantes conseguem de forma independente aplicar e administrar as estratégias e os procedimentos de autorregulação almejados. 5) O uso de múltiplos procedimentos que promovem um longo período de manutenção (o desejo e a habilidade de continuar usando as estratégias quando a instrução acaba) e a generalização (capacidade de usar as estratégias efetivamente em outras situações) (HARRIS et al., 2013, p. 64 - 66). No SRSD existe algumas fases nas quais os professores conduzem seus alunos com o objetivo de desenvolver as capacidades autorregulatórias, bem como, os conteúdos específicos almejados naquele momento. São elas desenvolvimento e

ativação de conhecimento prévio, discussão, modelação, memorização, suporte e desempenho independente. Sendo que as fases dialogam entre si, podendo acontecer mais de uma simultaneamente, aparecer disposta em ordens diferentes, ou ainda, repetir algumas fases quando for necessário.

No *Desenvolvimento e ativação de conhecimento prévio*, os alunos com habilidades e conhecimentos prévios precisam compreender, aprender e aplicar as estratégias de escrita e de autorregulação que são desenvolvidas nessa fase. Exemplos de atividades que podem ser utilizadas incluem leitura, análise e discussão de textos modelo e de textos considerados ruins. Também, tarefas que possibilitem aos alunos identificar o próprio desempenho e a relação com autorrelatos positivos e negativos são característicos desse estágio (HARRIS et al., 2013, p.196).

No estágio de *Discussão*, professores e alunos continuam a falar sobre o que bons escritores fazem quando planejam, compõe ou revisam. São observados os elementos específicos de estilo ou as partes que tornam a escrita efetiva e agradável à leitura. Nesse estágio, alunos e professores discutem a estratégia a ser utilizada, estabelecem os objetivos e exploram como e quando a estratégia pode ser utilizada, lançando as bases para a generalização, não limitando a discussão à sala de aula ou à tarefa. Cabe também pontuar que os estudantes são ensinados a selecionar os objetivos de modo individual e específico para: a) aprender a estratégia; b) usá-la e c) manter a mesma em uso. (HARRIS et al, 2011).

Na *Modelação* o professor dá o modelo em voz alta, demonstrando como e quando usar a escrita e as estratégias de autorregulação ao longo do processo de escrita. O professor dá o modelo de como definir metas específicas para a tarefa de escrita, monitorar o auto-desempenho e o auto-reforço. As autoinstruções para definição de problemas, foco na atenção e planejamento, implementação de estratégias, auto-avaliação, enfrentamento e auto-reforçamento são usados pelo professor enquanto serve como modelo. Depois disso, o professor auxilia os alunos a desenvolver uma pequena lista de autoinstruções pessoais para serem utilizadas antes, durante e depois da escrita. É importante salientar que alguns estudantes podem precisar ter uma estratégia-modelo muitas vezes; além disso, modelos colaborativos e uso de pares como modelos podem ser usados quando apropriado (HARRIS et al., 2011, p. 196).

A **Memorização** começa, na realidade, no primeiro estágio, conforme os alunos participam de atividades divertidas e atraentes para ajudá-los a memorizar os passos de estratégia, o significado de cada passo e seus autorrelatos personalizados. Nesse momento, os professores precisam estar certos de que os alunos memorizaram e compreenderam sua importância antes de passar para o próximo estágio (HARRIS et al., 2011, p. 196).

No **Suporte**, inicialmente, o auxílio do professor, a escrita e as estratégias de autorregulação são usadas pelos alunos enquanto eles compõem juntos. Gradualmente, os alunos assumem a responsabilidade pela escrita e pelas estratégias de autorregulação; dicas, interação e orientação são removidas enquanto os estudantes demonstram independência e uso efetivo da estratégia. Nesse estágio, os alunos e professores continuam a planejar para iniciar a generalização e manutenção das estratégias. É considerado o estágio mais longo dos seis para os alunos que tem significativa dificuldade de escrita (HARRIS et al., 2011, p.197-197).

No **Desempenho independente** para demonstrar independência, são oferecidas oportunidades aos estudantes para usar suas escritas e estratégias de autorregulação sem o suporte do professor ou dicas. Sessões de reforço nas quais as estratégias são revisadas, discutidas e apoiadas novamente podem ser usadas quando necessário, para que a estratégia se mantenha. Para estabelecer a generalização, deve ser dada aos estudantes a oportunidade de uso da escrita e de estratégias de autorregulação, eles têm que aprender em novos contextos, com diferentes professores e com outras tarefas de escrita apropriadas (HARRIS et al., 2011, p. 197).

Estas seis fases podem ser organizadas, adaptadas e/ou combinadas de acordo com as necessidades de cada grupo. Mas, como uma estratégia de escrita pode contribuir para o ensino de violão?

O SRSD e o Ensino de violão

O SRSD é um formato estruturado de instrução que visa uma aprendizagem autorregulada, ou seja, um modelo de ensino que garante estratégias gerais e específicas da área do conhecimento, além de procedimentos de autorregulação. Desta forma, é viável que seja interpretado a partir de qualquer área do conhecimento, assim como na música. É possível adaptar e utilizar as diretrizes, as características e os estágios de instrução da SRSD

visando um ensino de violão direcionado para a autorregulação da aprendizagem, bem como, do desempenho independente de cada estudante.

Ainda não conheço nenhuma prática de ensino de violão no Brasil que utilize comprovadamente o SRSD como sua base teórica ou metodológica. No entanto, na pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida por mim, trato de estratégias de ensino coletivo de violão para alunos de bacharelado em violão, tenho feito um estudo de caso onde pude notar que muitas ações do professor pesquisado se relaciona com o SRSD, por isso este construto foi escolhido como referencial teórico da pesquisa.

Referências

ARAÚJO, Rosane Cardoso de. Motivação e ensino de música. In: ILARI, Beatriz Senoi; ARAÚJO, Rosane Cardoso de. *Mentes em Música*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010. p. 111-130.

HARRIS, Karen R.; GRAHAM, Steve; MACARTHUR, Charles A.; REID, Robert; MASON, Linda H. Self-Regulated Learning Processes and Children's Writing. In: ZIMMERMAN, Barry J.; SCHUNK, Dale H.(eds). *Handbook of Self-Regulation of Learning and Performance - Educational Psychology*. Handbook Series. New York: Routledge, 2011. p. 187-202.

HARRIS, Karen R.; GRAHAM, Steve; SANTANGELO, Tanya. Self-Regulated Strategies Development in Writing: Development, Implementation, and Scaling Up. In: BEMBENUTTY, Hefer; CLEARY, Timothy J.; KITSANTAS, Anastasia. *Applications of Self-Regulated Learning across diverse disciplines: a tribute to Barry J. Zimmerman*. Charlotte: NC, IAP Inc., 2013

POLYDORO, Soely Aparecida Jorge; AZZI, Roberta Gurgel. Auto-regulação: aspectos introdutórios. In: POLYDORO, Soely; AZZI, Roberta Gurgel. *Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos*. Porto Alegre: Artmed. 2008. p. 149-164.

POLYDORO, Soely Aparecida Jorge; AZZI, Roberta Gurgel. Autorregulação da aprendizagem na perspectiva da teoria sociocognitiva: Introduzindo modelos de investigação e intervenção. In: *Psicologia da Educação*. nº 29. 2009. s/p. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S141469752009000200005&script=sci_arttext . Acesso em 15/08/2014.

SANTIAGO, Diana Fonseca. Estratégias e técnicas para a otimização da prática musical: algumas contribuições da literatura em língua inglesa. In: ILARI, Beatriz Senoi; ARAÚJO, Rosane Cardoso. *Mentes em Música*. Curitiba: Ed. UFPR. 2010. p. 131-151.

SANTIAGO, Patrícia Furst. A integração da prática deliberada e da prática informal no aprendizado da música instrumental. In: *Per Musi*, Belo Horizonte, n.13, 2006, p. 52-56.

STEFANELLI, Ricardo. *Aprendizagem Cooperativa na Educação Musical Popular: Estudo de caso curricular no Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. 2009.